

Audiência do Santo Padre Francisco a Comunhão e Libertação
por ocasião do centenário do nascimento de Luigi Giussani

15 de outubro de 2022, Praça de São Pedro



**«ARDA NO VOSSO CORAÇÃO
ESTA SANTA INQUIETAÇÃO
PROFÉTICA E MISSIONÁRIA»**

Don Giussani foi pai
e mestre, foi servo
de todas as inquietações
e situações humanas
que encontrava
na sua paixão educativa
e missionária

Francisco



Saudação introdutória de **Davide Prosperi**

Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

«Santo Padre, estamos infinitamente gratos a Vossa Santidade por ter aceitado receber o nosso povo nesta belíssima praça, que nos remete para tantos encontros vividos com os papas, desde São Paulo VI até João Paulo II, Bento XVI e Vossa Santidade, Papa Francisco.

Na audiência que nos concedeu no dia 7 de março de 2015, depois de ter agradecido a *don* Giussani o bem que tinha recebido pelas meditações dos seus escritos, Vossa Santidade recomendou-nos que não fôssemos “adoradores das cinzas dele, mas que mantivéssemos vivo o seu fogo”. *Don* Giussani, efetivamente, acendeu um fogo na vida de milhares de homens e mulheres, transmitiu o fogo que é o Espírito Santo, fogo de conhecimento de Cristo e do homem. Este fogo ainda está vivo, mesmo à distância de 17 anos da sua morte, como nos vão relatar, no final desta minha saudação, duas experiências que escolhemos dentre tantas.

Vossa Santidade, Padre Santo, não se limitou a uma recomendação, mas ajudou-nos nestes últimos anos, principalmente através do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida – ao qual agradecemos o acompanhamento paciente e paterno –, a imaginarmos e a empreendermos um novo ímpeto missionário, uma nova página de vida da nossa história. Na qualidade de Presidente da Fraternidade, desejo assegurar-lhe, Padre Santo, que, juntamente com os restantes responsáveis e com todo o Movimento, estamos a seguir com muita atenção as indicações da Santa Sé, para que o carisma que o Espírito Santo deu a *don* Giussani para o bem de toda a Igreja produza sempre novos frutos. E hoje, cheios de gratidão e de alegria pelo seu convite, estamos aqui a perguntar-lhe como podemos contribuir ainda mais para a renovação que a Igreja vem a realizar sob a sua condução paternal.



Estamos no ano do Centenário do nascimento de *don* Giussani. Esta ocasião suscitou muitas iniciativas, promovidas com o intuito de ampliar a nossa atenção até às periferias do mundo e da alma para as quais Vossa Santidade nos encaminhou. É verdade, há muita desolação, muitos dramas no coração dos homens e, ao mesmo tempo, uma infinita espera por Cristo, consciente ou não, que revela a razão profunda pela qual o Senhor quis dar a toda a Igreja, em *don* Giussani, uma testemunha da sede de Cristo pelo homem e da sede do homem por Cristo. Precisamente nesta praça, por ocasião do primeiro encontro mundial dos movimentos eclesiais, no Pentecostes de 1998, *don* Giussani concluiu assim o seu discurso diante de João Paulo II: “O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”.

Os dois testemunhos que agora se seguem pretendem ser um sinal da vitalidade daquilo que *don* Giussani gerou com seu sim total a Cristo.

Obrigado, Santo Padre, mais uma vez, pela sua paternidade, pelo seu acolhimento, pelas palavras que nos irá dirigir e pela sua bênção».

Testemunho de **Rose Busingye**

Santidade, estou aqui como filha e por isso não posso dirigir-me a Vossa Santidade senão como a um pai que me guia. A paternidade na fé foi o que me conquistou para Cristo e, portanto, para a Igreja.

Também eu, de África, encontrei a grande família eclesial através do olhar de *don* Giussani, que me educou a descobrir-me a mim mesma através do reconhecimento de uma Presença misteriosa. Presença que com o tempo assumiu cada vez mais os traços inconfundíveis do rosto de Cristo, no seio da companhia de Comunhão e Libertação. O conteúdo da minha pessoa é Cristo. “Eu sou Tu que me fazes agora”.

Antes desejava bem a um Jesus que não tinha nada a ver comigo, que não tinha a ver com a minha pequenez, mas encontrando *don* Giussani, descobri que era digna do abraço amoroso de Cristo. Eu sou um nada, amado até às entranhas.

Sou enfermeira e trabalho com mulheres doentes de SIDA, nos bairros de lata de Kampala, onde a pobreza é enorme. Sempre desejei que também elas, na sua condição, pudessem descobrir que são amadas e desejadas por Cristo. Por isso, dou por mim a comunicar o amor eterno de Deus até quando dou uma simples injeção a um paciente. Assim, em todos estes anos, os meus irmãos e as minhas irmãs, pobres, doentes, miseráveis aos olhos dos outros, descobriram que pertencendo a Cristo tudo lhes pertencia, os filhos, os maridos, o partir pedras de manhã à noite, que é a ocupação delas, as escolas que desejaram e construíram para os seus filhos. As nossas mães desejam que ninguém se sinta só ou abandonado.

Por isso, em 2005, quando souberam de tantas pessoas que estavam mal devido à catástrofe causada nos Estados Unidos pelo Furação Katrina, quiseram destinar todo o fruto do seu trabalho de semanas a partir pedras para ajudar as famílias americanas. Estas nossas irmãs ugandesas, tão pobres, queriam



contribuir para sustentar a América: a caridade não faz cálculos. Pelo mesmo motivo, quando ouviram falar da guerra na Ucrânia, começaram imediatamente a dar o pouco que tinham. O dinheiro reunido foi descrito por elas como poucas e pobres lágrimas oferecidas ao coração de Deus para que pudesse converter os seus corações e os corações de quem está a fazer a guerra. Olharam para o Papa, para o pai delas, com quem se sentem livres para chorar diante deste mal.

Como me disse uma vez *don* Giussani: “Com a própria forma da tua vocação, de *memor Domini*, tu gritas na multidão, a todos, que Cristo é o significado de tudo. Que é Cristo que salva”.

Não tenho vergonha de falar assim, porque durante todo o seu pontificado Vossa Santidade sempre falou e fala de Cristo dum modo que coincide com a minha vida, e por isso sinto-me sua filha. Obrigada.

Testemunho de **Hassina Houari**

Santidade, a primeira vez que fui a Portofranco, Centro de apoio ao estudo, gratuito para os estudantes – que nasceu em Milão e está agora espalhado por 40 cidades em toda a Itália –, tinha 15 anos e precisava de ser ajudada no inglês.

A primeira coisa que me impressionou foi fazer a entrevista sozinha, dizer quem era a estrangeiros. Mas trouxe-me paz ver pendurada a fotografia de João Paulo II a beijar um velhinho. Disse até para comigo: “Como são boas estas pessoas, que têm uma fotografia do Papa a beijar um ancião na testa!”. Aquela imagem relaxou-me, porque eu era afeiçoada ao Papa, que tinha estado em Marrocos, país de origem da minha mãe, e era uma pessoa que, para mim, representava a paz.

Depois da entrevista comecei a frequentar Portofranco e, passado pouco tempo, passava lá todas as tardes. Tinha encontrado amigos com quem falar de tudo e que tinham as mesmas perguntas sobre a vida do que eu. Depois, um dia, convidaram-me para umas férias na montanha.

Naquelas férias, pela primeira vez na minha vida, percebi que não tinha sido abandonada, apesar de o meu pai nos ter deixado quando eu tinha 7 anos.

Depois dum passeio, o padre Giorgio Pontiggia, que conduzia as férias, perguntou: «Como foi o passeio?», e nós: «Bonito!»; e ele: «Por que é que foi bonito?». Ninguém sabia responder. A certa altura, o padre Giorgio disse: «Nem que vocês se juntassem todos, conseguiriam fazer uma única pedrinha daquela montanha, nem sequer uma florzinha das que nascem da rocha... o único que pode fazer isso é Deus». Quando disse «Deus» daquela maneira, pensei: «Mas então existe mesmo?». Naquele momento senti o coração rebentar, e disse «Deus» com toda a minha pessoa. Parecia-me lógico que Ele existisse. Como se aquilo que eu esperava na minha vida existisse, parecia tão paterno e tão presente! Não alguém de quem ter medo, que julga o meu mal e os meus limites, mas Alguém que, para mim, até fez uma flor que nasce da rocha.



Nunca me esquecerei daquele dia, foi em junho de 2009. Desde então, teve início um percurso para conhecer Deus, ou seja, o Pai, e para me conhecer a mim.

Na universidade inscrevi-me em Línguas e Relações Internacionais. Licenciiei-me em inglês e árabe. Inglês, que foi precisamente a disciplina que me levou a Portofranco; e não falava árabe, apesar de ser árabe. Como me disse um amigo, é mesmo verdade que «quando encontras Deus, ele faz-te abraçar a tua história».

Também a minha mãe está muito grata a este lugar: convidada para um encontro, disse sobre Portofranco: «Para mim foi como um marido, porque me ajudou a educar a minha filha».

Crescendo, descobri que aquele velhinho que João Paulo II beijava na frente era *don* Giussani. O seu carisma acompanhou-me e acompanha-me no caminho da vida. Um dom grande; ainda que nunca o tenha encontrado pessoalmente, foi instrumento de Deus na minha vida porque me permite florescer! Obrigada.

Discurso do Papa Francisco

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Viestes em grande número, da Itália e de vários países. O vosso movimento não perde a sua capacidade de reunir e mobilizar. Obrigado por terdes desejado manifestar a vossa comunhão com a Sé Apostólica e o vosso afeto pelo Papa. Agradeço ao Presidente da Fraternidade, prof. Davide Prospero, assim como a Hassina e Rose, que compartilharam as suas experiências. Saúdo o Cardeal Prefeito, o Cardeal Farrell, bem como os Cardeais e Bispos presentes.

Estamos reunidos para comemorar o centenário do nascimento de mons. Luigi Giussani. E fazemo-lo com gratidão na alma, como ouvimos de Rose e Hassina. Expresso a minha gratidão pessoal pelo bem que me fez, como sacerdote, meditar alguns livros de *don* Giussani – como jovem presbítero – e faço-o também como Pastor universal, por tudo o que ele soube semear e irradiar em toda a parte, para o bem da Igreja. E como poderiam deixar de o recordar com gratidão comovida quantos foram seus amigos, filhos e discípulos? Graças à sua paternidade sacerdotal apaixonada na comunicação de Cristo, eles cresceram na fé como dom que confere sentido, amplitude humana e esperança à vida. *Don* Giussani foi pai e mestre, foi servo de todas as inquietações e situações humanas que encontrava na sua paixão educativa e missionária. A Igreja reconhece a sua genialidade pedagógica e teológica, desenvolvida a partir de um carisma que lhe foi conferido pelo Espírito Santo, para a “utilidade comum”. Não é uma mera nostalgia que nos leva a celebrar este centenário, mas é a grata memória da sua presença: não apenas nas nossas biografias e no nosso coração, mas na comunhão dos santos, de onde intercede por todos os seus.



Não é uma mera nostalgia que nos leva a celebrar este centenário, mas é a grata memória da sua presença

Francisco



Bem sei, caros amigos, irmãos e irmãs, que os períodos de transição não são nada fáceis, quando o pai fundador já não está fisicamente presente. Experimentaram-no muitas fundações católicas ao longo da história. É necessário agradecer ao padre Julián Carrón pelo seu serviço na orientação do movimento durante este período e por ter mantido firme o leme de comunhão com o pontificado. No entanto, não faltaram problemas graves, divisões e certamente também um empobrecimento na presença de um movimento eclesial tão importante como Comunhão e Libertação, do qual a Igreja, e eu mesmo, esperamos mais, muito mais. Os tempos de crise são tempos de recapitulação da vossa extraordinária história de caridade, cultura e missão; são tempos de discernimento crítico do que limitou a potencialidade fecunda do carisma de *don* Giussani; são tempos de renovação e relançamento missionário, à luz do atual momento eclesial, bem como das necessidades, sofrimentos e esperanças da humanidade contemporânea. A crise faz crescer. Não deve ser reduzida ao conflito, que anula. A crise faz crescer!

Certamente, *don* Giussani reza pela unidade em todas as articulações do vosso movimento, é claro! Bem sabeis que unidade não significa uniformidade. Não tendes medo das diferentes sensibilidades e do confronto no caminho do movimento. Não pode ser de outra forma, num movimento em que todos os membros são chamados a viver pessoalmente e a partilhar de modo corresponsável o carisma recebido. Todos vivem originalmente e também em comunidade. Isto é importante: que a unidade seja mais vigorosa do que as forças dispersivas ou o perdurar de antigas oposições. Unidade com quem e com quantos lideram o movimento, unidade com os Pastores, unidade no seguimento atento das indicações do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, e unidade com o Papa, que é o servo da comunhão na verdade e na caridade.

Não desperdiceis o vosso tempo precioso em tagarelices, desconfianças e oposições. Por favor! Não desperdiceis o tempo!

Agora gostaria de recordar alguns aspetos da rica personalidade de *don* Giussani: o seu *carisma*, a sua vocação de *educador*, o seu *amor pela Igreja*.

1

Don Giussani, homem carismático. Foi certamente um homem de grande carisma pessoal, capaz de atrair milhares de jovens e de tocar o seu coração. Podemos perguntar-nos: de onde vinha o seu carisma? Provinha de algo que experimentara pessoalmente: quando era jovem, com apenas quinze anos, fora fulgurado pela descoberta do mistério de Cristo. Intuíra – não apenas com a mente mas com o coração – que Cristo é o centro unificador de toda a realidade, é a resposta a todas as interrogações humanas, é a realização de todos os desejos de felicidade, bem, amor e eternidade presentes no coração humano. A maravilha e o fascínio deste primeiro encontro com Cristo nunca o abandonaram. Como o então Cardeal Ratzinger disse nas suas exéquias: «*Don Giussani manteve sempre o olhar da sua vida e do seu coração fixo em Cristo. Deste modo compreendeu que o Cristianismo não é um sistema intelectual, um pacote de dogmas, um moralismo, mas que o Cristianismo é um encontro, uma história de amor, um acontecimento*». Aqui está a raiz do seu carisma.

Don Giussani atraía, convencia e convertia os corações, porque transmitia aos outros o que trazia dentro de si depois da sua experiência fundamental: a paixão pelo homem e a paixão por Cristo como cumprimento do homem. Muitos jovens começaram a segui-lo porque os jovens têm um grande ins-

’ De onde vinha o seu carisma?
Provinha de algo que experimentara
pessoalmente: quando era jovem,
com apenas quinze anos, fora fulgurado
pela descoberta do mistério de Cristo

Franciscus





tinto. O que dizia vinha da sua vivência e do seu coração, por isso inspirava confiança, simpatia e interesse.

O Presidente disse que vos empenhais a fim de que o carisma conferido a *don* Giussani para o bem de toda a Igreja dê sempre novos frutos. Esta é a sábia custódia do dom que vos foi transmitido, uma custódia que não só conserva o passado mas que, vivificada pelo Espírito Santo, sabe reconhecer e receber os novos rebentos desta árvore que é o vosso movimento, que vive no bom solo da comunhão eclesial.

A este respeito, perguntar-vos-eis: como podemos responder às exigências de mudança do tempo presente, preservando o carisma? Antes de mais, é importante lembrar que não é o carisma que deve mudar: ele deve ser sempre acolhido de novo e feito frutificar no mundo de hoje. Os carismas crescem na medida em que crescem as verdades do dogma, da moral: crescem em plenitude. São as formas de o viver que podem constituir um obstáculo ou até uma traição da finalidade para a qual o carisma foi suscitado pelo Espírito Santo. Reconhecer e corrigir modalidades equívocas, quando é necessário, só é possível com uma atitude humilde e sob a sábia orientação da Igreja. E resumiria esta atitude de humildade com dois verbos: *recordar*, ou seja, restituir ao coração, recordar o encontro com o Mistério que nos conduziu até aqui; e *gerar*, olhando em frente com confiança, ouvindo os gemidos que o Espírito expressa novamente hoje. «O homem humilde, a mulher humilde tem a peito também o futuro, não apenas o passado, pois sabe olhar para a frente, sabe olhar para os rebentos, com a memória cheia de gratidão. O humilde gera, o humilde convida e impele para aquilo que não se conhece. Ao contrário, o soberbo repete, torna-se rígido [...] recua e fecha-se na sua repetição, sente-se seguro do que sabe e teme, receia sempre o novo porque não o pode controlar, sente-se desestabilizado por isto... porquê? Porque perdeu a memória» (*Discurso ao Colégio Cardinalício e à Cúria Romana*, 23 de dezembro de 2021). É preciso guardar a memória do fundador!

Caríssimos, valorizai o precioso dom do vosso carisma e a Fraternidade que o conserva, porque ele ainda pode fazer “florescer” muitas vidas, como

Encorajo-vos a encontrar as formas e linguagens adequadas para que o carisma chegue a novas pessoas e ambientes, a fim de que saiba falar ao mundo de hoje

Franciscus

nos testemunharam Hassina e Rose. A potencialidade do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberta; por isso, convido-vos a evitar qualquer fechamento em vós mesmos, o medo – o medo nunca vos conduzirá a um bom porto – e o cansaço espiritual, que vos leva à preguiça espiritual. Encorajo-vos a encontrar as formas e linguagens adequadas para que o carisma que *don* Giussani vos transmitiu chegue a novas pessoas e ambientes, a fim de que saiba falar ao mundo de hoje, que mudou em relação ao início do vosso movimento. Há tantos homens e mulheres que ainda não tiveram aquele encontro com o Senhor que mudou e tornou bela a vossa vida!

2

Segundo aspeto: *don* Giussani, *educador*. Desde os primeiros anos do seu ministério sacerdotal, confrontando-se com a confusão e ignorância religiosa de muitos jovens, *don* Giussani sentiu a urgência de lhes comunicar o encontro com a pessoa de Jesus que ele mesmo experimentara. O padre Luigi tinha uma capacidade única de desencadear a busca sincera do sentido da vida no coração dos jovens, de despertar o seu desejo de verdade. Como verdadeiro apóstolo, quando via brotar esta sede nos jovens, não tinha medo de lhes apresentar a fé cristã. Mas sem nunca impor nada. A sua

abordagem gerou muitas personalidades livres, que aderiram ao Cristianismo com convicção e paixão; não por hábito, nem por conformismo, mas de modo pessoal e criativo. *Don* Giussani tinha uma grande sensibilidade no respeito pela índole de cada um, pelo respeito da sua história, do seu temperamento, dos seus dons. Não queria pessoas todas iguais, e também não queria que todos o imitassem, queria que cada um fosse original, como Deus o fez. Com efeito, na medida em que cresciam, aqueles jovens tornavam-se, cada qual segundo a sua própria inclinação, presenças significativas em diferentes campos, tanto no jornalismo como na escola, na economia, em obras de caridade e de promoção social.

Amigos, este é um grande legado espiritual que *don* Giussani vos deixou. Exorto-vos a alimentar em vós a sua paixão educativa, o seu amor pelos jovens, o seu amor pela liberdade e responsabilidade pessoal de cada um perante o próprio destino, o seu respeito pela singularidade irrepetível de cada homem e mulher.

3

E terceiro: *Giussani filho da Igreja*. *Don* Giussani era um sacerdote que amava muito a Igreja. Até em tempos de confusão e de forte contestação das instituições, manteve sempre firmemente a sua fidelidade à Igreja, pela qual nutria grande afeto – amor! – quase uma ternura, e ao mesmo tempo uma grande reverência, pois acreditava que é a continuação de Cristo na história. Dizia: «Encontraste esta companhia: ela é a modalidade com que o mistério de Jesus [...] bateu à tua porta» (L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 7). Usava esta bonita expressão: a “companhia”. Para ele, os grupos do movimento eram uma “companhia” de pessoas que tinham encontrado Cristo. E, em última análise, a própria Igreja é a “companhia” dos batizados, que mantém tudo unido, da qual tudo haure vida e que nos preserva no caminho reto.

’ Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu

Franciscus

Don Giussani ensinou a ter respeito e amor filial pela Igreja e, com grande equilíbrio, soube manter sempre unidos o carisma e a autoridade, que são complementares, ambos necessários. Nos vossos encontros cantais frequentemente “A estrada”. *Giussani*, usando precisamente a metáfora da estrada, dizia que a autoridade assegura o caminho reto, o carisma torna bela a estrada. (Cf., *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Bur, Milão 2020, p. 249). Sem autoridade corre-se o risco de sair da estrada, de ir numa direção errada. Mas sem o carisma o caminho corre o risco de se tornar tedioso, não já atraente para as pessoas daquele particular momento histórico.

Inclusive entre vós, alguns têm uma tarefa de autoridade e governo, para servir todos os outros e indicar o caminho certo. Concretamente, isto consiste em orientar e representar o movimento, fomentar o seu desenvolvimento, realizar projetos apostólicos específicos, garantir a fidelidade ao carisma, tutelar os membros do movimento, promover o seu caminho cristão e a sua formação humana e espiritual. Mas além do serviço da autoridade, é essencial que, em todos os membros da Fraternidade, permaneça vivo o carisma, para que a vida cristã conserve sempre o fascínio do primeiro encontro. Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia da chamada, daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu. Isto dar-nos-á a força para ser sempre obedientes na Igreja. É isto

que “torna bela a estrada”. Assim, os movimentos eclesiais contribuem, com os seus carismas, para mostrar o caráter atraente e novo do Cristianismo; e compete à autoridade da Igreja indicar com sabedoria e prudência o caminho que os movimentos devem seguir, para permanecer fiéis a si mesmos e à missão que Deus lhes confiou. Segundo as palavras de *don* Giussani, podemos afirmar que «este intercâmbio contínuo entre instituição e carisma é uma exigência irrenunciável da encarnação. Esta relação entre graça e liberdade não pode de modo algum ser pensada em termos de alternativa dialética, como se a instituição não fosse o carisma e o carisma não precisasse da instituição». O carisma deve ser institucionalizado.

E a instituição deve manter a dimensão carismática. «No final, eles são a *única* realidade da Igreja. Seria porventura possível pensar no organismo humano sem o esqueleto que o sustém? Assim, é impensável que a Igreja viva sem instituição» («Os movimentos na missão da Igreja», supl. a *Litterae Communione-CL*, n. 11/1985).

Bem sabeis que a descoberta de um carisma passa sempre por um encontro com pessoas concretas. Estas pessoas são testemunhas que nos permitem abordar uma realidade maior, que é a comunidade cristã, a Igreja. É na Igreja que o encontro com Cristo permanece vivo. A Igreja é o lugar onde todos os carismas são preservados, cultivados e aprofundados. Pensemos, nos Atos dos Apóstolos, no episódio de Filipe e do eunuco, funcionário da rainha da Etiópia. Filipe foi determinante para a sua conversão, foi o mediador do encontro com Cristo para aquele homem em busca da verdade. Pois bem, como termina este episódio? Filipe batiza o eunuco e lê-se no texto: «Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe ao olhar do eunuco» (*At* 8, 39). “Arrebatou ao olhar”! Depois de o ter conduzido a Cristo, Filipe desaparece da vida do eunuco!

Mas a alegria do encontro com Cristo permanece – a alegria do encontro permanece sempre! – e com efeito a narração acrescenta: «E, cheio de alegria, seguiu o seu caminho». Somos todos chamados a isto: ser mediadores para os outros do encontro com Cristo, e depois deixá-los seguir o seu caminho, sem os vincular a nós.

E, para concluir, gostaria de vos pedir uma ajuda concreta para hoje, para este tempo. Convido-vos a acompanhar-me na profecia pela paz – Cristo, Senhor da paz! O mundo, cada vez mais violento e guerreiro, assusta-me! Digo-o verdadeiramente: assusta-me! Na profecia que indica a presença de Deus nos pobres, em quantos estão abandonados e são vulneráveis, condenados ou marginalizados na construção social; na profecia que anuncia a presença de Deus em cada nação e cultura, indo ao encontro das aspirações de amor e verdade, de justiça e felicidade que pertencem ao coração humano e que palpitam na vida dos povos. Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária. Não permaneçais parados!

Caríssimos, amai sempre a Igreja! Amai e preservai a unidade da vossa “companhia”. Não deixeis que a vossa Fraternidade seja ferida por divisões e oposições, que fazem o jogo do maligno; é a sua profissão: dividir, sempre. Até os momentos difíceis podem ser momentos de graça, momentos de renascimento! Comunhão e Libertação nasceu precisamente numa época de crise, como foi o ano de 1968. E mais tarde *don* Giussani não se assustou com os momentos de passagem e crescimento da Fraternidade, mas enfrentou-os com coragem evangélica, confiança em Cristo e em comunhão com a Mãe Igreja.

Hoje, juntos, demos graças ao Senhor pelo dom de *don* Giussani. Invoquemos o Espírito Santo e a intercessão da Virgem Maria, para que todos vós possais continuar, unidos e alegres, ao longo do caminho que Ele vos indicou com liberdade, criatividade e coragem. Abençoo-vos de coração! E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

Franciscus



Gostaria de vos pedir
uma ajuda concreta
para hoje, para este
tempo. Convido-vos
a acompanhar-me na
profecia pela paz –
Cristo, Senhor da paz!

Francisco





Imagens:
Roberto Masi/Fraternità di CL
Giovanni Di Natolo - Vatican Media/CPP
Danilo Giovannangeli/Fraternità di CL

© 2022 Dicastero per la
Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana
para o texto do Papa Francisco
© 2022 Fraternità di Comunione e Liberazione
para o texto de Davide Prospero